

REQUERIMENTO N° , DE 2007
(Do Senador Pedro Simon)

*Requer Voto de Pesar pelo falecimento do
Professor Doutor José de Lima Acioli.*

**Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,
Senador RENAN CALHEIROS,**

Com fundamento no disposto nos artigos 218 e 219 do Regimento Interno do Senado Federal, requiero a Vossa Excelência a inserção em Ata de voto de profundo pesar pelo falecimento ocorrido ontem, dia 26 de junho de 2007, nesta Capital, do Professor Doutor José de Lima Acioli, catedrático aposentado do Instituto de Física da Universidade de Brasília.

JUSTIFICAÇÃO

É com imensa tristeza que apresento e submeto a esta Casa esse Requerimento de voto de pesar pelo falecimento do Professor Acioli. Num País tão frágil e carente em seu patrimônio intelectual existem perdas que são realmente irreparáveis, o nosso querido professor é uma delas.

Um grande Físico, intelectual proeminente, ativista incansável, formulador de rara criatividade e originalidade; e, principalmente, um bravo e valente brasileiro. Alagoano de nascimento, carregou por onde passou sua inegável disposição e energia – que, por sinal, era um dos tantos setores da Física onde ele demonstrou seu talento e brilhantismo.

Combateu um grande combate: em pleno auge da ditadura militar, não apenas suportou o peso da luta cruel contra o arbítrio, mas teve a lucidez e a eficiência de reestruturar este grande centro de pesquisa que é hoje o Instituto de Física da UnB.

Mesmo tendo sua dedicação apaixonada pela Física, em seus vários setores, o luminoso Acioli ainda teve tempo e cérebro para desenvolver projetos em outras áreas, tal como o exercício – ainda que ele insistisse e chamasse de diletante – da cinematografia, neste rumo, foi um dos idealizadores e criadores do Pólo de Cinema de Brasília.

Falar do Doutor Acioli é contar um grande pedaço da história da pesquisa científica e tecnológica brasileira. Para quem não o conheceu, decidi dar a ele a oportunidade de contar um pedaço de sua vida e de sua trajetória. Segue um artigo

seu que é um breve relato histórico de quem deixará uma imensa lacuna e uma incomensurável saudade:

“Breve Histórico do Instituto de Física da Universidade de Brasília

José de Lima Acioli

No final da década dos 50 e no começo da década dos 60 presenciei algumas discussões sobre a criação da Universidade de Brasília, no apartamento de Anísio Teixeira. Participavam Darcy Ribeiro, Leite Lopes, Mussaché, Jayme Tiomno, Celso Furtado e outros do mesmo quilate. A intenção era criar uma universidade modelo para ser a melhor do País. Anísio Teixeira era então o melhor educador que se conhecia. Mais tarde ele foi Ministro da Educação e Darcy Ribeiro o chefe da Casa Civil do presidente João Goulart.

Em 1962 não existiam cursos de pós-graduação no Brasil. Minha formação no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas era de teoria de partículas elementares e era nessa área que pretendia fazer o meu doutoramento. Fui fazer o Mestrado e o Doutorado na Universidade de Chicago. Muito me honrou o fato que ao fim do curso de mecânica quântica avançada que eu estava fazendo naquela universidade Sakurai se ofereceu para ser meu orientador no doutoramento.

Nesse ínterim havia sido criado o Instituto Central de Física na Universidade de Brasília, do qual faziam parte Jayme Tiomno, Roberto Salmeron, Fernando Souza Barros, ente outros. Foi quando recebi uma carta de Jayme Tiomno convidando-me para vir trabalhar na UnB com Salmeron, em análises de interações entre partículas, registradas em filmes de câmaras de bolhas. O convite causou-me uma dupla reação. Primeiramente, depois que estudei seu livro de Eletricidade e Magnetismo no curso científico, eu considerava e considero o Salmeron um ótimo professor. Em segundo lugar, eu não me sentia preparado para trabalhar naquela área, para a qual era necessário uma base técnica e computacional muito complicada, incluindo programas de computação muito longos e em linguagem de máquina. Ao fim, prevaleceram o convite de Jayme Tiomno e o desejo de trabalhar com o Salmeron. Assim, procurei me preparar junto ao grupo de interações na Universidade de Chicago.

Quando já estava trabalhando na tese, vencendo as dificuldades, recebo a notícia de que o governo militar estaria interferindo na Universidade de Brasília. Soube que uma comissão de professores esteve com o presidente general Castelo Branco e que, num certo momento, o professor Tiomno disse ao general que da mesma maneira que ele não interferia e dava palpites sobre a presidência, esperava que o general não interferisse na Universidade.

Depois disso o general deu por encerrada a discussão e, em seguida, expulsou o professor Roberto de las Casas da Universidade de Brasília, provocando o pedido de demissão de praticamente todos os duzentos professores da Universidade, em sinal de protesto. Pediram demissão, inclusive, todos os professores do Instituto de Física. A Universidade foi fechada pelo governo em 1965.

Enfrentei essa nova situação com calma, mas sem saber o que fazer no futuro. Continuei a trabalhar na tese e depois de um certo tempo pensei em ficar nos Estados Unidos, mesmo contra minha vontade. Um ou dois anos depois recebi um convite de uma autoridade brasileira para ir a uma reunião em Washington com cientistas brasileiros que estavam no exterior. Prometeram ótimas condições de trabalho, como a implantação de pós-graduação, grandes bibliotecas nas universidades, laboratórios didáticos e de pesquisa, bons salários, etc. Essas promessas não me convenceram totalmente mas ficaram guardadas na memória.

Foi quando recebi o convite de Luis Carlos Gomes para vir para a Universidade de Brasília. Ele havia assumido a frente do Instituto de Física e queria que eu viesse ajudá-lo a reconstruí-lo, incluindo a reativação do grupo de análise de filmes de câmara de bolhas. Luis Carlos Gomes representava para mim uma referência. Ele foi um excepcional estudante de José Leite Lopes na Faculdade Nacional de Filosofia e no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, onde juntos estudamos e trabalhamos. Fez o doutoramento no MIT, onde defendeu uma das melhores teses de doutoramento do ano nos Estados Unidos.

Comecei a trabalhar na Universidade no começo de 1969, na difícil tarefa de reconstrução do Instituto de Física, cuja situação era muito crítica, contando com um reduzido número de professores contratados pela nova administração da Universidade. Aqueles professores não haviam passado por um programa de pós-graduação e sequer tinham alguma experiência de pesquisa. O problema de atender a cerca de mil alunos de graduação foi resolvido de uma maneira brilhante por Luis Carlos Gomes, ao introduzir o método de ensino personalizado de Keller. O resultado dessa experiência foi notável tanto para os alunos como, e talvez principalmente, para os monitores. Além de Luiz Carlos Gomes colaborava com o Instituto o vice-reitor José Carlos Azevedo, doutor em física pelo MIT, dando aulas e orientando o trabalho de alguns estudantes.

Para suprir a falta de laboratórios didáticos, foi apresentado à UNESCO um projeto que foi prontamente atendido porque, disse aquele órgão, era muito bem feito. Esses laboratórios são usados até hoje, mais de 30 anos depois. Para montar os grupos teóricos e desenvolver os laboratórios de pesquisas, fizemos convites a cientistas do Rio e São Paulo bem como do exterior, muitos dos quais nos atenderam, como J.M. Elgaard Knudsen, Garg, Yao Sun Liu, Kiu Suk Cho, Charles Dauwe, Robert Kalman, Helmut Schwarz, Ross Alan Douglas, Per Morgen, Paul R.

Deichelbohrer e, mais tarde, Bernard Marechal. A maioria desses pesquisadores era da área experimental, mas não existiam laboratórios adequados para eles, a não ser o de Efeito Mossbauer, deixado por Fernando Souza Barros. Fizemos, então, um grande projeto ao BNDE (hoje BNDES) para atender tanto a área experimental como a teórica, com bolsas para estudantes de pós-graduação e complemento salarial para professores, que foi rapidamente aprovado.

Havíamos submetido ao MEC, em 1970, um projeto de pós-graduação a nível de mestrado. O projeto tinha vários objetivos, sendo o mais importante melhorar a qualidade dos professores. As exigências de nosso mestrado eram muito grandes, pois a intenção era que seus alunos começassem a trabalhar logo em pesquisa. O projeto foi aprovado e começamos a receber candidatos de fora, do Ceará, Goiás, Mato Grosso, Rio, São Paulo, etc. Em dois anos estávamos com 50 a 60 alunos de mestrado e a CAPES avaliou esse curso como o melhor mestrado do País.

Infelizmente, esse trabalho inovador criou algumas incompatibilidades com a administração da Universidade, forçando Luiz Carlos Gomes a pedir demissão. Foi uma grande perda para a Universidade de Brasília e para o Instituto de Física, então transformado pela administração da Universidade em Departamento.

Apesar da valiosa contribuição dos visitantes estrangeiros não podíamos contar com eles para uma colaboração permanente, pois eles iriam voltar para seus países de origem. Decidimos, então, adotar a estratégia de enviar nossos melhores mestrados para fazer o doutoramento no exterior, mantendo por dois anos seus salários de professor, além da bolsa do CNPq.

Novamente tivemos uma dura batalha para convencer a administração da Universidade de que essa era uma medida necessária. Hoje, a maioria de nosso corpo docente é formada por esses ex-alunos, todos doutores, além de outros que contratamos para completar nosso quadro.

Em relação ao trabalho de partículas elementares fizemos o seguinte: Desencaixotamos o equipamento deixado por Salmeron e compramos as lentes que faltavam. Arranjamos um professor da Engenharia para montá-lo, o que era uma tarefa difícil por não termos os documentos técnicos adequados. Esse professor era o Katuchi Techima e seu trabalho se constituiu em sua tese de mestrado. O equipamento foi montado em uma sala com teto alto previamente preparada, e três professores que haviam decidido trabalhar nessa área para fazer o mestrado, começaram a operá-lo. Eram o Francisco Rogério Aragão, o Antônio Mozart e Francisco Bedê, que fizeram análises de reações pion-déuteron em filmes que nós havíamos trazido da Universidade de Chicago. Ao mesmo tempo orientamos uma tese teórica de Miguel el Afioni sobre essa reação.

Logo verificamos que o equipamento era ultrapassado, o que não permitia fazer um acordo com o CERN ou com outros centros de pesquisas. Incluímos, então, no projeto ao BNDE, acima citado, uma verba para comprar um equipamento mais moderno, semelhante ao que havia na Universidade de Chicago. Em 1970 o reitor Caio Benjamim Dias pediu-me para ir à Europa e Estados Unidos para contratar físicos e matemáticos brasileiros que lá se encontravam. Nessa viagem troquei muitas opiniões com Roberto Salmeron. Da Suíça veio David Viana e de Chicago vieram os matemáticos Djairo Figueiredo, Marco Antônio Raupp, Célio Alvarenga, Conde, Adilson e, mais tarde, Hilton Machado e, de Washington, Geraldo Ávila. Aproveitei a viagem e visitei o grupo de câmara de bolhas da Universidade de Chicago para verificar o equipamento e fazer uma tomada de preços. Fui surpreendido pela mudança total do equipamento de leitura, tendo sido adquirido um muito mais moderno, por um preço absolutamente acima do que poderíamos comprar. O antigo equipamento havia sido descartado e voltei ao Brasil desesperançado. Decidi, então, distribuir nossa verba do BNDE com as outras áreas do Departamento de Física.

No meu ano sabático recebi um convite para ir trabalhar no grupo de análise de reações de partículas do CBPF. Era um grupo pequeno e com equipamento (microscópios) do tempo em que Cesar Lattes expunha filmes fotográficos a raios cósmicos em grandes altitudes (décadas dos anos 50 e 60).

Foi quando recebi um convite para ir trabalhar no programa do álcool que, depois de muita relutância de minha parte e insistência do outro lado, aceitei. Em seis meses, quando terminou o tempo sabático, o Ministro da Indústria requisitou-me para continuar trabalhando naquele programa enquanto continuava no Departamento de Física em tempo parcial. Dessa forma acabou-se o nosso programa de análise de partículas na Universidade de Brasília. Na verdade houve uma tentativa de Bernard Marechal para continuar o grupo. Ele conseguiu do CERN fitas magnéticas contendo algumas reações já estudadas por aquele centro e com muitas outras que não eram do interesse imediato daquela instituição.

Infelizmente ele não conseguiu os equipamentos de leitura e as fitas não puderam ser analisadas. O grupo de partículas elementares sobreviveu com os trabalhos teóricos de Yao Sun Liu, Kiu Suk Cho e Francisco Aragão, que havia feito o doutoramento na Alemanha, presentemente todos aposentados.

O Departamento cresceu bastante na área experimental e na de teoria de física atômica e molecular, iniciada por David Vianna, que havia ido para o exterior para um doutoramento em teoria de campos. O grupo cresceu bastante e formou muita gente, inclusive a liderança nessa área na USP. Outros também cresceram muito, como o de teoria da matéria condensada e o da teoria de relatividade geral, organizada por Colber Oliveira, que veio do CBPF, assim como o de Física Nuclear.

O Instituto de Física deu e tem dado uma boa contribuição na formação de grupos de pesquisas em outros estados como, por exemplo, em Fortaleza, Goiânia, São Paulo, Campinas, Recife, C.B.P.F., etc.

No Ministério da Indústria fui escolhido para organizar e dirigir nacionalmente o desenvolvimento tecnológico do Programa do Alcool, no qual trabalhavam mais de mil cientistas entre físicos, biólogos, químicos, engenheiros, tecnólogos e ambientalistas.

Depois de alguns anos voltei em tempo integral ao Departamento de Física tendo, em seguida, sido eleito novamente seu chefe. Mas essa uma outra longa história....”

Sala das Sessões, 27 de junho de 2007.

Senador Pedro Simon